

(Po)éticas de uma pesquisa em educação e arte: um caderno de experimentações para cuidar da escrita.

Lucí A Guerra Trevisan¹
Bruna Moraes Battistelli²

Resumo: Irmãs de pesquisa, irmãs de guerrilha, de um mundo em ebulição. Como constituir um referencial teórico para uma pesquisa em um universo acadêmico que segue sustentado por um *CISistema* cisheteronormativo? À esta interrogação, nos colocamos a provocar e sacudir os modos como fomos ensinadas a produzir uma pesquisa e apresentamos as irmãs com quem escolhemos estar à mesa para produzir uma pesquisa que intenta sustentar uma escrita acadêmica que cure as feridas do trauma colonial que nos foi imposto bem antes de nossas existências. Para tanto, lançamos mão da beleza e da intencionalidade como pressupostos para a construção teórica de uma pesquisa, trazendo à cena a imagem das irmãs que nos acompanham, que permitem que existamos para além das *outrazições* que nos são impostas. Assim, assume-se uma política de escrita transfeminista, sustentada em um posicionamento ético-estético-político com a intimidade e a beleza que, por sua vez, sustenta um outro modo de pesquisar em educação. Desta maneira, lançamos mão de uma metodologia híbrida e ensaística e, inspiradas em Saidiya Hartman (2022), compomos o trabalho acadêmico a partir do belo de vidas negras, travestis, trans e lésbicas que em suas vidas rebeldes e radicais nos permitem o exercício de elaboração de objetos teórico-artísticos, como um caderno que é ao mesmo tempo pesquisa, belo, *(po)ético*, artístico e uma tecnologia de costura para uma produção de conhecimento implicada com a diversidade em sua radicalidade e com o diálogo entre educação e arte.

Palavras-chave: Escrita acadêmica. Cura. (Po)éticas de pesquisa. Educação.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: lucigrtra@gmail.com

² Doutora e Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta do Setor de Educação e do PPG em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: brunabattistelli.ufpr@gmail.com

Eu sonhei. Nesse sonho estava no deserto, sentia muita sede e muita fome. Areia era tudo o que via em todo e qualquer horizonte que meu olhar tocava. Sentia que observava o fim do meu mundo, pois sentia que eu iria acabar naquela paisagem ressecada. De repente, um brilho me chama atenção e avisto uma construção monumental. Parecia ser um templo. Fui em direção a ele porque algo em mim dizia que lá encontraria cura e fortificação. Quando cheguei lá encontrei vocês. Na porta me esperava uma irmã. Ela me recebeu com carinho e com doçura me convidou para entrar. Ela me levava para dentro e eu caminhava naquele espaço como se fosse a minha própria casa. O meu lar. Ela me levou até a sala da aliança. Uma sala enorme, iluminada com uma luz azul, minha roupa ganhou outra cor. A sala desafia as lógicas da física. Nela encontro vários espelhos, mas não vi em nenhum o reflexo do meu rosto. Vi outras de nós, nós éramos muitas, infinitas e viajávamos por esses espelhos. Naquele momento entendi porque estou viva... Porque sou uma partícula de imagens vindas do fundo dos meus sonhos. Porque sou uma travesti que viveu muitas vidas. (Trevisan, nota de pesquisa, 2025)

As colchas de retalhos são histórias que nos contam modos de sentir, produzir e inscrever-se no mundo; uma atividade tida como prioritariamente feminina, e que nos convoca a pensar a escrita acadêmica como um grande bordado composto por conceitos, autoras/es, modos de sentir e pensar o mundo, ou melhor dizendo, mundos em multiplicidade que se relacionam e se modificam. Assim, nos propomos a uma *escrita-bordada* desde os encontros vividos para montar a pesquisa, com intelectuais e artistas que se ocupam de conduzir seus experimentos desde a urgência da vida. Nossos retalhos são compostos por restos, pelos fiapos que vão ficando a partir do vivido, tessituras que convidam a quem nos lê a juntar seus próprios retalhos e linhas. Mesmo titubeantes e inseguras, seguimos para dar um fim à pesquisa como nos fizeram conhecer.

E pensando nos materiais que compõem uma pesquisa, nos perguntamos: pode um texto científico começar com um sonho? Em nosso caso, sim. Um sonho por um cenário acolhedor e de cuidado, no qual nossas ideias e pensamentos sejam alimentados e celebrados. É desde esse lugar que a pesquisa organizada pela primeira autora sob orientação da segunda autora se (re)compõe, aos modos de uma colcha de retalhos, costurando notas de vida/pesquisa que permitem ensaiar uma pesquisa que sonha a Universidade como espaço *(po)ético*. Assim, subvertendo o que esperam de nós, buscamos nos aliançar com o conhecimento a partir de uma ética da ternura (Arias, 2010), na qual o sentir é ação importante na produção de conhecimento. Sentimos os conceitos e escolhemos aqueles que nos permitem sonhar, curar e escrever com o corpo todo.

Afirmamos que uma pesquisa só é possível em conexão com aquelas que pisaram neste mundo antes de nós, portanto, pedimos passagem à estas, nossas irmãs, para experimentações que permitam cuidar da escrita de uma pesquisa em educação que pretende unir arte e educação em busca de uma *(po)ética da existência*. Assim, propomos pôr fim a processos de revisão bibliográfica que violentem modos de narrar que não condizem com a língua dominante aplicada à academia. Desta forma, apresentamos nossas experimentações ético-estéticas em busca da constituição de um grupo de irmãs que faça continência à pesquisa sobre escrita em educação. Transgredimos o que nos ensinam, e assim como Sara Ahmed (2022) em seu livro *Viver uma vida feminista*, escolhemos dialogar apenas com autoras/es não brancas/os. Assim sendo, apostamos na escolha apaixonada, intencional e íntima quanto a quem irá nos acompanhar, bem como na sustentação de políticas de escrita afirmadas em um diálogo visceral com nossas histórias, já que são com as mesmas que aprendemos e ensinamos de forma mais bem-sucedida (hooks, 2020). Desta maneira, a intencionalidade e a intimidade se constituem como pressupostos que consolidam o rigor acadêmico necessário à produção de pesquisas a partir de uma ética do cuidar (Collins, 2019) e interessado com a multiplicidade de existências.

Com quem sento à mesa? Irmãs para a constituição de uma pesquisadora em educação

quando falamos temos medo
de que nossas palavras não sejam ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
ainda assim temos medo.

Então é melhor falar
lembrando
nunca estivemos destinadas a sobreviver
(*Uma litania para a sobrevivência*)
(Audre Lorde, 2020, p. 83)

Quando Audre Lorde (2019) e Maya Angelou (2018) se encontram, nos convidam a sentar à mesa e dividir o alimento a partir da mais radical diferença de nossas existências. As duas nos lembram que a sobrevivência não é arte ensinada na universidade e assim, tracejamos linhas para dar fim a pesquisas que não nos acolham, que não escutem os aprendizados das ruas, das travas, das lésbicas, das bichas, das rezadeiras, das pessoas negras e indígenas, etc. Uma nos lembra que os silêncios não nos protegerão (Lorde, 2019) e a outra nos mostra que mesmo com violência e dor a vida não nos assusta (Angelou, 2018). São com elas que iniciamos a discussão sobre nossa intenção de estragar um certo pressuposto de fazer pesquisa, que não é hegemônico, mas que é colonial e imposto como o único modo de pesquisar; como o universal. Seguindo pelas linhas bordadas por Chimamanda Adichie (2017), pois podemos tomar a política de escrita vigente no modelo acadêmico como uma história única que formata as relações e nos afirma um único modo de existir e contar uma pesquisa (impessoal, neutro, pouco implicado com a implosão do que violenta e mata). E como escrever um texto que aposta na hibridez desde a língua conversadeira da experiência (Bondía, 2014)? Não podemos seguir escrevendo na língua morta da neutralidade, nem partindo do vazio da escrita impessoal. Rompendo com o que nos ensinaram que era o correto, escolhemos o híbrido, e escrevemos em primeira pessoa quando uma memória irrompe pedindo passagem, bem como em primeira pessoa do plural quando nossas histórias se encontram.

Assumimos aqui o jogo da diluição das fronteiras entre autoria. Por isso, deixamos anunciado desde aqui que é parte da nossa intenção causar a confusão, deixar nebuloso o limite entre nossas palavras para que quem nos lê não saiba quais palavras são de uma ou de outra e quem é o ‘eu’ que escreve. Nessa experimentação, ora iremos nos revelar, ora iremos nos ocultar. E quando as memórias e lembranças aparecerem, esperamos que você acompanhe as relações que elas estabelecem e os efeitos que causam em você. Perguntas se impõem: para costurar uma pesquisa, precisamos apenas de autoras/es que trabalham na academia? Quem mais nos acompanha?

*As minhas memórias mais vívidas da solidão remontam do tempo de escola.
Por um tempo até tentei acreditar que o motivo para não brincarem comigo
era eu ser baixinha, a minha magreza extrema ou o meu jeito desengonçado.*

Foi graças à uma bibliotecária que entendi que a razão era outra e foi o encontro com ela que me salvou. Ela me transformou numa traça devoradora de livros e me ensinou que dava pra escrever mais com uma lapiseira de grafite 7mm do que um lápis. (Trevisan, nota de pesquisa, 2025).

Escolhemos começar com essa memória por acreditar que a experiência de crescer tendo a biblioteca como refúgio para não sentir no corpo as violências físicas e subjetivas por ser uma criança dissidente e desobediente, nos ajuda a dar os primeiros passos para construir um caminho para uma política de escrita pautada na *com-fiança*. Esse esgarçamento da palavra confiança convida a uma aproximação com uma ética de estudo e a escrita a partir da afirmação de bell hooks (2017, p.86): “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim”, ou seja, para estragar os modos coloniais de fazer pesquisa é necessário mais do que convocar a teoria para curar, é necessário *com-fiar* nela e fiar com as pessoas que construímos nossos escritos implicados com este propósito.

Como se forma um tecido? A conversa como uma arte do encontro, que se instalada a partir de uma poética do tecer, é assim, exercício dotado de imaginação, intimidade e dotado de esperança por um projeto de mundo mais justo. Muitos fios são necessários em um entrelace que permita que algo novo se forme. Quando nos sentamos em roda, o desejo é que um novo tecido se forme com existências múltiplas, no qual cada uma traz um pequeno pedaço de oferta. Não seria uma roda de conversa como aquelas colchas de retalhos que as mais velhas faziam para afastar o frio dos seus? Assim, entrelaçamos fios desde nossas experiências como autoras, mulheres, professoras, pesquisadoras, filhas, amigas, companheiras, extensionistas, donas de casa, desde nossas experiências como três mulheres que, em suas diferenças e semelhanças, vivem o Brasil em suas violências, em suas dores e em suas potências (Cuevas; Battistelli; César, 2022, p. 14).

Aquelas bibliotecárias eram grandes estraga-prazeres (Ahmed, 2020; 2022), ou melhor dizendo, encrenqueiras como orgulhosamente afirmavam. Mi³ era uma gótica de cabelo vermelho da cor de caneta Bic e unhas pintadas sempre descascando. Nas

³ A escolha por nomes ficcionais, deve-se ao cuidado com as mesmas, já que vivemos em um projeto societário no qual trabalhadoras da educação que transgridem normas precisam ser protegidas em sua integridade, pois ao escolher uma pedagogia que acolhe as diferenças, captam para si discursos de ódio e perseguição.

primeiras vezes que fui para biblioteca me esconder ela viu potencial em mim e foi a pessoa que no primeiro ano do ensino médio colocou o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire na minha mão. Ana* era uma senhora que sempre dizia que mesmo nos dias onde se sentia mais solitária, não se arrependera um momento de ter saído da cidade do interior para ser uma “solteirona” na cidade grande. Foi por causa dela que adquiri uma pequena coleção de joias para usar escondida quando estava sozinha em casa.

Saidiya Hartman (2022), ao trabalhar com arquivos da virada do século XIX e início do século XX de meninas negras norte americanas, elabora “uma contranarrativa livre dos julgamentos e das classificações que submeteram jovens negras a vigilância, punição e confinamento” (p.12) e decide trabalhar com um relato que resgate as práticas de rebeldia dessas jovens. Portanto, ela nos convida a construir procedimentos metodológicos que vão de encontro à construção de narrativas insubmissas e rebeldes, e ao fazer isso, demonstrar que corpos desordeiros com suas práticas constroem belos experimentos para demonstrar, de forma incansável, que há outras maneiras de viver e que é preciso considerar que o mundo poderia ser de outra forma; afirmando que é possível tensionar a gramática da violência sem entrar em um aspecto descritivo e confessional das memórias do trauma (Hartman, 2020).

Desta maneira, a intencionalidade e a intimidade se constituem como pressupostos que consolidam o rigor acadêmico necessário à produção de pesquisas a partir de uma ética do cuidar (Collins, 2019) e interessado com a multiplicidade de existências.

Quero acreditar que Mi e Ana estavam sintonizadas com essa autora quando lá na minha adolescência tentaram me ajudar a construir memórias para além da violência ofertada por colegas e professoras/es, e me auxiliaram a ter alguma coisa doce e sensível para escrever ao chegar na fase adulta. Foi sorte encontrá-las na minha trajetória escolar enquanto bicha transviada para ter memórias de experiências que vão além da exclusão social e da violência. Que histórias narramos? Quais elementos evidenciamos? Como auxiliamos outras pessoas a contarem suas vidas a partir de um paradigma (po)ético da beleza (Hartman, 2020)?

Elas eram orgulhosamente encenqueiras, duas estraga-prazeres (Ahmed, 2020; 2022) que levavam a sério a tarefa de existir contra as normas vigentes para trabalhadoras

da educação. É a partir dessa noção de parceiras estraga-prazeres, que convocamos esta memória e suas habitantes, pois com elas (e tantas outras que vieram depois), foi possível criar o corpo de duas pesquisadoras que se propõem a estragar a festa *heterocisgênera*, branca e patriarcal que o sistema hegemônico de pesquisa acadêmica vem reproduzindo. Se a estraga-prazer é aquela que atrapalha e coloca obstáculos para a felicidade alheia, ela é alguém que pesquisa e escreve seguindo as mesmas pistas de abigail⁴ Campos Leal (2020): a pesquisadora estraga-prazeres é alguém que se cura e se arma no processo de escrita.

A partir disso, nos voltamos à palavra *com-fiança*. Você deve estar se perguntando porque não confiança? Essa noção surge a partir dos encontros de formação e oficinas que estamos propondo no contexto das nossas pesquisas. Estamos refletindo ao longo do processo da pesquisa sobre a importância de oferecer espaços seguros de criação que promovam reflexões sobre a importância do cuidado como estratégia trans-feminista e antirracista na Educação (Letícia Nascimento, 2021).

Eu cresci ajudando a minha mãe a registrar suas receitas em cadernos. Ela teve poucas oportunidades de exercitar a sua escrita e o ato de preparar e compartilhar de uma refeição era o que nos colocava em contato. Inspirada nisso em uma de nossas oficinas, pedimos aos participantes que escrevessem uma pequena receita para o cuidado e durante o compartilhamento muitas/os trouxeram um mesmo ingrediente: conversar/encontrar com alguém querida/o ou de confiança.

Chegamos juntas/os nessa oficina a percepção de que estamos em sintonia sobre como criar um ambiente propício para o aprender junto, e a *com-fiança* vêm sendo tecida desde então como uma estratégia para diminuir a solidão e para exercitar a prática radical do cuidado na formação de comunidades de aprendizagem (hooks, 2017).

Desta forma, quando convocamos nossas irmãs para o texto, nos aliançamos com os saberes transfeministas, sapatãos, bichas, feministas negras e latinas, e afirmamos um compromisso com a pesquisa e os espaços formativos para a mesma a partir da *com-fiança* como a (po)ética que organiza as relações e permite a construção de um ambiente

⁴ O nome da autora é escrito em letra minúscula.

potente para encontros de corpos que querem se mobilizar através da noção de cura, cuidado e estratégias de enfrentamento aos sistemas de opressão colonial. Corpos implicados em experimentar a emergência de saberes que surgem de outros lugares, e deslocar-se para fora das normas pelas quais foram educadas/os.

Outro encontro que mobilizou fortemente as ideias que estão sendo tecidas sobre a *com-fiança* como ética foi a participação da primeira autora na residência *Método Elementar* promovida pela artista e pesquisadora Castiel Vitorino Brasileiro (2023). De acordo com a pesquisadora, o Método Elementar é um repertório de exercícios corporais, emocionais e cognitivos pensados para “instaurar momentos de liberação energética, quebra de estruturas de pensamento, rememoração e expansão comunicacional; além do humano, além da vida como conhecemos, além do trauma da morte” (Brasileiro, 2023, s/n) instaurado pela sociedade colonial.

É um processo que demanda uma responsabilidade radical e que nos leva a perceber que *com-fiar* é a instauração de um encontro e de uma partilha que só existe a partir do pressuposto de todos os corpos se engajarem na cura individual e ao mesmo tempo coletiva (Brasileiro, 2023). É importante destacar essa radicalidade do encontro descentralizada da figura de alguém que “conduz” o processo, todas/os são igualmente importantes no processo de *com-fiar*, desestabilizando assim as estruturas hierárquicas geralmente presentes em espaços de formação de alguém que “sabe mais” e por isso está acima de quem “sabe menos”.

Escritas bordadas com vida: rompendo as lógicas da neutralidade

Transviada foi o primeiro bordado que fiz em fotografia. 2020 seria o meu último ano de graduação, contudo no começo de abril as primeiras medidas de distanciamento social foram adotadas⁵. O quinto ano do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná é o momento onde ocorre o Estágio de Organização do Trabalho Pedagógico. Pude fazer as primeiras semanas de estágio e estava particularmente empolgada.

⁵ Devido a pandemia por COVID-19. Escolas e universidades precisaram adaptar sua rotina para a modalidade de ensino remoto emergencial.

A equipe pedagógica parecia muito engajada no processo de transformar a escola em um espaço seguro e acolhedor, porém ao mesmo tempo ciente dos seus limites e desafios. Lembro de uma conversa que tive com uma das pedagogas, onde ela me relatou sobre uma tentativa de autoextermínio dentro da escola, porque a família de uma adolescente descobriu, através de uma professora, que ela estava “espalhando por aí” que era Bissexual. Por esse motivo a equipe pedagógica sugeriu que o grupo de estagiárias pensasse em projetos de intervenção que tratassem do tema da saúde mental e da sexualidade na adolescência.



Fonte: Lucí A Guerra Trevisan.. *trans viada*, 2020. Bordado em fotografia analógica resgatada de álbuns de família.

Esse estágio ocorreu de forma remota e o bordado apresentado surgiu entre as discussões sobre como transformar a escola num ambiente seguro, diverso e plural e começou a sinalizar um procedimento de criação e intervenção em fotografias, colagens a partir de pequenos textos ensaísticos no formato de notas, bilhetes e poesias. A fotografia aqui apresentada acompanha a seguinte poesia:

*Quero ser uma pedagoga transviada para as crianças transviadas.
Quero ser a professora que não teve a oportunidade de ter.
Quero construir uma pedagogia do impossível para corpos infantis
viverem sua verdade e sua ~~rebelia~~ infância livremente.
Quero que essas crianças tenham amigos e não precisem crescer
escondidas como traças em bibliotecas como cresci.
Quero que elas brinquem, corram e
que não fiquem sozinhas de cabeça baixa no recreio.
Quero que elas possam viver seus afetos e trocar seus carinhos com outras
crianças.
Quero que elas saibam que podem dar e receber abraços.
E que também saibam se defender quando não quiserem dar e receber
abraços.
(Trevisan, nota de pesquisa, 2025).*

Muitas/os antes de nós já se aventuraram pelas riscas de uma escrita autobiográfica, e em decorrência disto, muitas antes de nós já ouviram a indagação que surgem (costumeiramente) de homens brancos cis: não seria narcisista uma pesquisa em primeira pessoa? Se eles operam por individualidades, seguindo os riscados de uma lógica moderno-colonial no qual o sujeito indivíduo é um e somente um, para nós, que ocupamos trincheiras com irmãs que nos ensinam a vida em sua radicalidade, o eu é coletivo, uma multidão, povoada por existências *transcestrais* (Carvalho, 2021).

A experiência da *com-fiança* nos leva a apostar no desvio enquanto método de composição, de acolhimento e de pensamento. Somos efeitos das relações que cultivamos, um emaranhado subjetivado desde os fios que entrelaçamos de histórias que se iniciam muito antes de nossos nascimentos (Munduruku, 2015). Se escolhemos desviar do que nos ofertam enquanto verdade, este procedimento se dá por derivas memorialísticas (O que lembramos? Quem lembramos? Quem foi esquecida/o? Quem você escolhe trazer junto para seu texto?) e pelo encontro com as histórias que orientam nosso interesse em pesquisar a escrita na educação: nos interessamos pela vida miúda e por aquelas que vivem e brilham apesar das imposições moderno-coloniais (Mombaça, 2021).

Para materializar o que estamos defendendo enquanto política de escrita, de cuidado e de pesquisa, a segunda autora aposta em pesquisas (auto)biográficas com cartas e conversas (Battistelli, 2022), já a primeira autora aposta na construção de um caderno que é ao mesmo tempo um artefato curativo e afetivo para elaborar escritas, ou seja,

propor a feitura de um objeto que bifurca os caminhos infinitas vezes, propondo rotas que ora vão em direção a um exercício radical de cuidar dos encontros que povoam o nosso imaginário inventivo, e ora nos levam para caminhos de reflexão que questionam as concepções coloniais de estudo e escrita ao expandir as possibilidades e as funções que ela tem (Campos Leal, 2020).

Com-fiar na tessitura de objetos de pesquisa companheiros (Ahmed, 2022): cadernos, caixas de cartas, maletas, sacolinhas. Neste momento, salientamos as experimentações que estão sendo produzidas pela primeira autora na montagem de um caderno de pesquisa. Nesse caderno, os textos *com-fiados* são palavras que podemos levar junto como amuletos ou mantos de proteção. Textos para quando precisamos de cura e cuidado, ao mesmo tempo que se apresentam como vestígios dos nossos estudos e escritos. Alinhavados a partir de saberes como os de Christina Sharpe (2024), Jota Mombaça (2021), Saidiya Hartman (2020; 2022), Castiel Vitorino Brasileiro (2019, 2021, 2023), bell hooks (2017; 2019; 2020), abigail Campos Leal (2020), Audre Lorde (2019). Textos que curam o corpo que pesquisa, produzindo conhecimentos desde a mão que escreve e borda apostando em uma epistemologia *corazonada* (Arias, 2010), pois conhecimento válido e rigoroso é aquele que é construído desde o corpo inteiro (Lorde, 2019), sentido desde as vísceras sobreviventes deste grande trauma que foi a colonização europeia no continente americano. Assim sendo, apostamos na pesquisa como um contra-arquivo (Hartman, 2020) que *(po)eticamente* registra histórias de corpos como os nossos (uma pesquisadora sapatão e uma pesquisadora travesti); o caderno, assim, é testemunha bordada enquanto um rastro das nossas existências, a lembrança de que estivemos aqui e pomos fim a um modo de pesquisar que tenta nos domar (Anzaldúa, 2009) e nos higienizar (Battistelli, 2022).

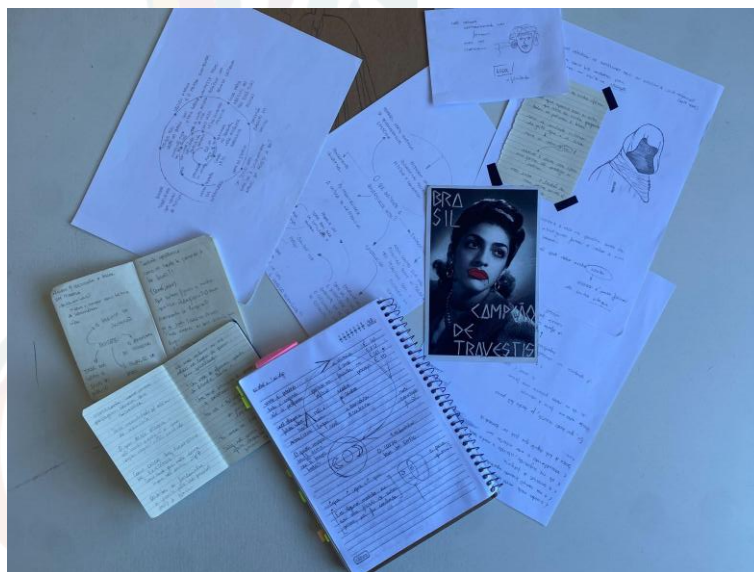
No caso do caderno de pesquisa, o processo de rascunhar é o próprio processo de pesquisar e *COM-fiamos* inspiradas em diferentes movimentos de criação. Um dos movimentos dessa pesquisa em escrita é a elaboração de notas, inspirado no trabalho artístico-conceitual de Christina Sharpe (2024) que nos proporciona um procedimento para repensarmos a forma como contamos histórias. No livro *Notas Ordinárias* (2024), ela nos apresenta 258 notas, em um processo inventivo para contar sua vida e de outras

peessoas negras; processo que se sustenta no método da beleza de Hartman (2022) para narrar vidas negras, como um belo experimento. Sharpe (2024), por exemplo, inicia seu projeto analisando arquivos de instituições de preservação de memória norte-americanas (museus) que se dedicam a contar e documentar as violências perpetradas (linchamentos) contra pessoas negras através de uma ótica crítica, e com ela nos questionamos: esse modo de memorializar, que tem nos museus, seu maior expoente, são eficientes em seu propósito? Ela reconhece que “todo memorial e museu à atrocidade já contém seu fracasso” (Sharpe, 2024, p.63) e que a existência desses se assemelha mais a uma espécie de sala de troféus para a supremacia branca, como se funcionasse como um espetáculo que reencena a violência, que pretendia erradicar pela lembrança. A coleção de notas da autora é dividida em sessões, e em seu processo de organização de memórias e lembranças, Sharpe (2024) traz relatos e outros artefatos de memória preciosos que operam como exercícios de saída desse calabouço narrativo supremacista branco. Um exemplo é quando a autora relata a forma como sua mãe organizava sua coleção de alfinetes e a admiração pela caligrafia da mãe, trazendo através das suas notas outras texturas, cheiros e sons e reivindicando a beleza como método de construção de vida de corpos negros. Além de reordenar a narrativa da violência para evidenciar os corpos que praticaram a violência e não aqueles que foram acometidos por ela, a autora salienta a beleza Negra como produção de outros modos de existência, como quando narra que sua mãe sempre lhe oferecia um presente para a alma em seus aniversários, e que estes eram livros de autoria negra que permitiam que Sharpe (2024) pudesse imaginar novas histórias.

Somos duas pessoas brancas, que assim como nos propõe hooks (2020), nos colocamos em posição de aprendizagem com os procedimentos ofertados pela autora. Aprender com a potência conceitual-artística de Sharpe (2024) permite que possamos fiar objetos de cuidado e de conhecimento com segurança, um encontro entre arte-educação que nos convoca a recorrer à intelectuais de campos muitos diversos.

O caderno de pesquisa, quando em contato com as notas da autora, se consolida enquanto material que alimenta o gesto da *com-fiança*. Por sermos duas autoras, uma lésbica e a outra travesti, que se movem de forma transfeminista no mundo, entendemos

que há um convite nas reflexões de autoras como Sharpe (2024) para a traição do pacto supremacista branco que sustenta os sistemas de opressão do mundo colonial. E se seguimos com a autora afirmando que precisamos romper com o pacto supremacista branco, estamos em diálogo também com hooks (2019) que afirma que o racismo não é suficiente enquanto conceito para entender o que acontece com a população negra, apontando que precisamos de um conceito mais amplo, e assim, assume pensar sobre como é possível superarmos a supremacia branca. Como vivemos em contexto brasileiro, no qual a consolidação do sistema racial se deu de modo diverso ao estadunidense, apostamos na possibilidade de, com nossos corpos, causarmos desconforto racial em outras pessoas brancas, que com seus gestos e ações sustentam a manutenção da violência racial genocida que se instaurou em nossas terras com a chegada dos portugueses.



Fonte: Acervo pessoal de pesquisa da primeira autora.⁶

Em diálogo com essas autoras, buscamos aprender com Brasileiro (2019) quando ela nos lembra que “a Cura é uma produção de memórias, histórias, gestos” (Brasileiro,

⁶ No estágio atual da pesquisa o caderno companheiro de pesquisa está em construção. Em seu estágio embrionário, o movimento de pesquisa é tanto a curadoria de registros de escrita mais antigos quanto a criação de novas escritas e visualidades que apresentam os movimentos teórico-poéticos aqui apresentados para serem costurados e encadernados posteriormente.

2019, p.13). No caso da colonialidade brasileira, concordamos com suas análises quando esta constrói suas estratégias poéticas e estéticas a partir da compreensão de que os colonizadores europeus usaram de “todas as tecnologias, programas filosóficos, crenças religiosas, interesses políticos que possibilitaram não só a escravidão, mas a continuidade do colonialismo pós-Lei Áurea” (Brasileiro, 2021, p. 14). O Brasil é, para ela e para as autoras desse texto, uma terra amaldiçoada pela colonização e os efeitos dessa maldição é a instauração de um pacto de esquecimento, ou seja, a colonização aqui foi um empreendido em prol da aniquilação dos modos de existir das populações negras e indígenas, pois essas vidas eram incompatíveis com o sonho europeu de prosperidade que a colonização buscava instaurar. De tal modo que quando construímos aqui a ideia de *com-fiança*, estamos buscando contra-enfeitiçar os espaços de criação, de estudo e de pesquisa na tentativa de recuperar gestualidades ancestrais.

Esse gesto de criação nos leva a mais uma tessitura que fazemos com esse texto, *com-fiamos* agora com Isadora Ravena Teixeira da Silva (2022) que nos convoca a fazer deslizamentos no solo da comunicabilidade. Isadora é artista do corpo, travesti, professora e pesquisadora e desenvolve sua atuação entre arte, gênero e ecologia promovendo espaços de criação e formação no Brasil e no exterior. A primeira autora deste texto teve contato com ela durante o período pandêmico onde ela ministrou os cursos “Pensamentos Travestis na Arte Contemporânea” (2021), “Estéticas Travestis: Crise, Colapso e Pensamento” (2021) e “Ateliê de Escrita e Fabulação para Criação em Arte” (2022) pelo LUX Espaço de Arte (SP). Uma certa comunidade foi estabelecida ali e carinhosamente apelidada durante o processo formativo de “Escolinha de Travestis”. Foram nesses espaços que o procedimento de criação nomeado de *Fabilhetação*, a *travecametodologia* dos bilhetes foi apresentada. Antes de explicar o procedimento é necessário apresentar Dandara Kettley:

Em 15 de Fevereiro de 2017, a travesti Dandara Kettley foi assassinada a pauladas, pedradas e tiros no Bairro Bom Jardim, periferia de Fortaleza. No caso, que ficou mundialmente conhecido como Caso Dandara dos Santos, Dandara teve ainda seu corpo morto exibido pelas ruas do bairro dentro de um carrinho de mão. Em Março de 2017, eu e uma bicha preta bailarina e professora de dança, n-b, maranhense, Junior Meireles iniciamos um processo de criação que viria a se desdobrar na performance “travestis alimentam todo

dia ao meio-dia”. Estávamos ali interessadas em construir uma dimensão travesti do luto: como o luto pela morte de Dandara coabitava em nosso corpo com a urgência de fabricar nesse mesmo corpo um corpo travesti, uma contracorporeidade necropolítica. (Ravena Teixeira da Silva, 2022, p. 62)

O interesse de Isadora em construir uma dimensão travesti do luto se desdobrou na Fabilhetação, um procedimento metodológico de fabulação que se dá em três etapas: 1. a leitura de manchetes de jornais que noticiaram a morte de Dandara; 2. Grifagem e seleção de termos das manchetes; 3. escrita de um bilhete, datado em um futuro utilizando as palavras grifadas, mas esse bilhete não podia ser sobre a cena do crime. O que tanto as notas de Sharpe (2024) quanto a fabilheteção de Silva (2022) estão nos convidando é a feitura de uma escrita que retire nossos corpos das cenas de violência e insira-os em cenas em que nossos corpos não estejam resumidos as suas condições de opressão e violência. Foi a partir desse exercício que o sonho de cuidado que abre esse texto foi produzido. Em uma das manchetes que encontrei na época, destaquei o verbo “levar” e conjurei a possibilidade dessa minha irmã travesti estar me levando até um lugar para ser cuidada e acolhida. Um lugar onde ela esteve antes, onde ela sabia da existência e por isso sabia que meu corpo poderia ser levado até lá para ser recebido com ternura.

São esses os pressupostos que estão orientando a construção do caderno da pesquisa da primeira autora sob a orientação da segunda na intenção de aprender e educar diferentes paisagens de existência.

A construção de um caderno de pesquisa em uma dimensão (po)ética evoca a importância de dar fim a pesquisa como conhecemos. O primeiro é uma outra relação com o tempo acelerado do neoliberalismo capitalista na contemporaneidade. Ao resgatar o escrever à mão, a relação com os papeis, o sentido de coleção de guardados e de memórias, é restabelecida a conexão com um eu-escritora que surgiu na infância/adolescência e que ainda não tinha experimentado dores e angústias que fragilizaram a confiança na própria escrita. Destacamos que esse eu-escritora que precisa ser cuidado é aqui elaborado a partir da perspectiva de que a *CriONÇA* é a forma infante que toda pessoa dissidente precisou ser. Criar a partir dessa narrativa da *CriONÇA* é

reconhecer uma certa insubmissão e recuperar um fazer na pesquisa que é um fazer infante.

Nem todo mundo nasce criança. Eu nasci CriONÇA. [...] Me disseram “não senta desse jeito”, então me levantei e corri. Também me disseram “desce daí e para de arte”, então cresci e me fiz arteira. Crionça é filhote de bixa trava. Animais selvagens não se submetem. Seres ligeiros, perguntadores que não acreditam em qualquer adulto. Nem menino, nem menina, muito menos desviada. Eu sempre fui transviada e a minha infância foi infância de filhote de bixa trava. (Trevisan, 2022, p. 25)



Fonte: Lucí A Guerra Trevisan. *CriONÇA*, 2025. Bordado em fotografia analógica resgatada de álbuns de família.

Tecemos essa imagem do caderno criado para a *CriONÇA* interior e como um corpo infante criaria com a artista Yná Kabe Rodríguez Olfenza (2019). Para ela, travestis adultas são como onças, pois o corpo da Onça Travesti é simultaneamente exótico e caçado/desejado, ela estampa uma das notas de maior valor nas cédulas monetárias e é, de forma proporcional, impedida de viver e existir com dignidade material. A Onça e a Travesti correm cotidianamente o mesmo perigo de extinção no nosso país.

Nessa lógica, pensar a criação de um caderno que resgate modos de fazer e criar desde a *CriONÇA* até a Onça Travesti adulta, é traçar um rastro das táticas de resistência

e sobrevivência que nossos corpos produzem desde sempre para viver. Um caderno de pesquisa nas garras de uma Onça Travesti é a produção de um artefato de estudo e escrita com vistas na garantia da uma existência subjetiva, física, psicológica e epistêmica e também uma forma de deixar vestígios das nossas formulações teóricas.

Como horizonte de pesquisa, é a criação de um procedimento de criação em arte e educação de caráter replicável, porém não copiável, uma vez que cada caderno de pesquisa é um artefato produzido individualmente e que carrega traços subjetivos da pessoa que o produz.

Objetos (po)éticos de pesquisa para o acolhimento de textos que curam e cuidam

Toda pessoa que escreve é também uma acumuladora, portanto, todo registro textual é um rastro de um mapa que levou certa pessoa a se interessar por algo - e não outra coisa - e as razões que levaram aquele algo a ser guardado. Por isso, te convido a assumir um pacto comigo: onde tudo é texto. Foto é texto. Pintura é texto e assim por diante, incessantemente. Um pacto atravessado pela ideia de que “quem lê sempre inscreve seu método de leitura, porque ler também é escrever” (abigail Campos LEAL, 2021, p.17), logo, ler é ao mesmo tempo um método e um tipo de texto. E a sobreposição de tudo isso forma uma paisagem epistêmica. (Trevisan, nota de pesquisa, 2025)

Quais efeitos causarão as histórias e pesquisas de pessoas dissidentes, desobedientes e traidoras dos pactos narcísicos estabelecidos entre os corpos que compõem os regimes de opressão normativos? E se começarmos a narrar nossos sonhos e movimentos transgressores em pesquisas acadêmicas? Começarmos a narrar nossos encontros e afetos e com estes consolidar uma paisagem epistêmica que a partir do vivido borda outras fronteiras analíticas, como por exemplo, quando em uma pesquisa com cartas, pensando o cuidado em serviços de acolhimento institucional, se preocupa em narrar o efeito dos muitos encontros que um correio de cartas permitiu. Como aranhas, tecemos pesquisas que movimentam corpos, fazem rir, chorar, produzem efeitos. Não há como sair ilesa/o depois de experimentar um modo de pesquisar *com-fiado* que evoca mundos para dançar, pois como nos lembra Isabelle Stengers (2016): uma ciência triste é

aquela que não dança. E para dançar, precisamos receber bem corpos em suas infinitas potencialidades e diferenças.

Tudo que sei sobre o meu corpo aprendi na experiência com minhas irmãs. As tecnologias para aquendar uma neta, formas de amar e me relacionar com um corpo que não é o do meu gênero oposto, formas de educar e criar uma criança sob outros pressupostos, o que podemos aprender com outras espécies, etc. (Trevisan, nota de pesquisa, 2025)

Estamos elaborando desde o começo desse texto um arco que chega aqui nessa noção de paisagem epistêmica que nos ajuda a dar um vestígio de resposta para essa pergunta: *o que pode um texto?* Pode um texto acadêmico cuidar de quem o escreve? Em consonância com hooks (2019) apostamos que além de cuidar, pode consolidar uma possibilidade de autorreconhecimento enquanto sujeitas/os no mundo.

Gosto de escrever sentada de frente para a janela. Na casa da minha mãe minha vista era a de um muro velho de cimento, com uma camada de limo, uma cerca de arame farpado, a roseira de rosas vermelhas da minha tia, uma velha churrasqueira e atrás uma árvore muito idosa. Quando a escrita empacava eu me submetia ao exercício imaginativo de conversar com essa árvore como se ela fosse a minha avó, porque ela estava lá desde a minha infância e mesmo com os esforços da prefeitura, seus galhos sempre davam um jeito de crescer até perto do nosso muro. Dividi uma vez um apartamento com um colega e minha janela era um pouco menor, mas dava para ver uma praça e o sol caía entre outros dois prédios numa linha reta. Eu gostava de sentar no fim da tarde e ver o dia escurecendo e imaginava que aquela praça era um jardim de infância para árvores e que elas eram buscadas pelos seus pais e mães no fim da tarde, porque de noite o breu era tão grande naquela praça que não dava para ver nenhuma árvore. Encontros humanos e não-humanos que vão se entrelaçando na constituição de paisagens epistêmicas cunhadas desde as fronteiras dos sistemas de opressão de classe, gênero e sexualidade. (Trevisan, nota de pesquisa, 2025)

A noção de paisagem poderia vir derivada dos debates que acontecem em outras áreas de pesquisa, mas mantendo a tessitura que estamos estabelecendo ela vem primeiro de observar o ambiente onde nos sentamos para escrever. Pense na/o estudante que não tem sossego em casa e precisa escrever no laboratório de informática da universidade. Ou naquela pessoa que produz seus escritos em um celular, por não ter computador. O conhecimento acadêmico, deste modo, principalmente com a consolidação das ações afirmativas, vem sendo tecido a partir de paisagens muito variadas. Se hoje, podemos

escrever narrando como estamos dando fim ao que nos ensinaram sobre pesquisa, é porque somos muitas/os, e as que vieram antes de nós, nos ofertaram possibilidades de anunciar este fim, e um novo começo: das pesquisas implicadas com o cuidado, com a ternura, *corazonadas* desde nossas entranhas e rascunhadas em territórios existenciais diversos. A árvore que crescia na ciclovia aos fundos da casa da minha mãe esteve lá quando a praça onde cresci e brinquei durante minha infância foi construída, esteve lá quando uma das linhas da malha ferroviária foi construída. Esteve lá e viu muita coisa. Não é o objetivo dessa pesquisa, mas um rastro possível de deixar para outras pessoas é esse: e se o seu texto começasse como uma etnografia a partir das árvores que estão há gerações no seu bairro ou que nunca foram cortadas no jardim de uma escola? O que elas viram? Qual a importância de pensar uma perspectiva descentralizada?

Já é a segunda vez que sonho que tenho plantas nascendo no meu rosto. Elas crescem sob minha pele e não precisam de terra, é como se elas estivessem sob uma fina pele, mas está por dentro de mim. Não sei ao certo se consigo explicar, mas no sonho de hoje eu ficava preocupada se teria que tirar as plantas que já estavam grandes. Eu tocava nelas e conseguia sentir elas por cima da minha pele. Eu tinha alguns medos no sonho, de infecção, de rasgar minha pele, e tinha tirado outras plantas antes, tinham algumas marcas. Mas não doía ter essas plantas no rosto. Só era muito estranho. (Sy Gomes, 2020, p. 72)

Em seu trabalho *Travestis são como plantas* (2020) a partir de um sonho, Sy Gomes quer aprender formas de criar ecossistemas saudáveis para travestis crescerem e se desenvolverem; ainda que efêmeros eles são possíveis. Tive a oportunidade de encontrar a artista em diferentes momentos, um deles em um laboratório de criação em arte contemporânea e outro em um evento que organizei quando ainda integrava a plataforma *quandonde - intervenção urbana em arte* em 2021.

Para a ensaiar a noção de paisagem epistêmica, destacamos esses dois relatos, do imaginar através das janelas e do encontro com Sy, mas outras redes compõem essa elaboração. A paisagem epistêmica (Campos Leal, 2021) é o encontro com a criação reflexiva que se dá no que poderíamos chamar de transdisciplinaridade ou indisciplinariedade. Para construir uma paisagem epistêmica é preciso entender que se cria desde a impossibilidade de manter a criação circunscrita dentro de uma temática ou

problema de pesquisa. A afirmação de que “Travestis são como plantas” (Gomes, 2020) é elaborada a partir do diálogo com a ecologia, com as artes visuais, com a experiência histórica de ser uma travesti no Brasil. Não há paisagem epistêmica sustentável no único, no universal, no neutro, vide o esgotamento perceptível da paisagem epistêmica hegemônica sustentada pelo sistema supremacista branco colonizado.

Portanto, o que pode um texto? Ele pode construir uma paisagem epistêmica. O efeito que ele produz ao construir essa paisagem é o de afirmar que nossos encontros narrados não são apenas narrativas, mas fazem parte das nossas constituições como pesquisadoras. Eles definem a forma como iremos nos encontrar com a pesquisa e mais do que isso, a forma como iremos honrar as irmãs que se sentam junto conosco à mesa.

Talvez para montar essa mesa de jantar, as ervas, os temperos e os alimentos tenham sido nutridos nessa paisagem. Talvez o algodão utilizado para criar o fio que depois seria fiado para virar tecido, tecido que seria utilizado para fazer as colchas de retalho, tenha sido cultivado nessa paisagem epistêmica. Deste modo, a paisagem epistêmica é um cultivo e é preciso que passemos a ver o estudo no ensino superior dessa forma: como um cultivo afetivo e *com-fiante* em outros modos de se relacionar.

Para finalizar, em nossas experiências como pesquisadoras, percebemos um grande adoecimento de pesquisadoras/es e professoras/es. Nas nossas investigações para a construção das nossas pesquisas, constantemente ouvimos relatos de pessoas afirmando afetos que adoecem seus corpos durante o processo de estudo e escrita de suas pesquisas. Por isso investigamos materialidades que desaceleram o tempo de criação como um caderno feito à mão, costurado, bordado e desenhado. Enfim, apontamos que a pesquisadora que se baliza pelo desejo de constituir a partir de seu trabalho uma paisagem epistêmica, desenvolve no processo da pesquisa uma outra gestualidade para aprender e também para ensinar.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AHMED, S. Estraga-prazeres feministas (e outras sujeitas voluntariosas). **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, p. 82–102, 2020.

AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

ANGELOU. Maya. **A vida não me assusta**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. “Como domar uma língua selvagem”. Tradução de Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos; revisão da tradução por Viviane Veras. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 19, n. 39, p. 305-318, 2009.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 85- 94.

ARIAS, Patricio Guerrero. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). **Calle 14 revista de investigación en el campo del arte**, v. 4, n. 5, p. 80-95, 2010.

BATTISTELLI, Bruna Moraes. **Entre cartas e conversas**: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a psicologia social. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2022.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando encontro vocês**: macumbas de travesti, feitiços de bixa. Vitória/ES: Editora da autora, 2019.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Tornar-se Imensurável**: o mito Negro Brasileiro e as estéticas macumbeiras na Clínica da Efemeridade. 2021. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Método Elementar** (Folder). Museu Paranaense, 2023. Disponível em: www.museuparanaense.pr.gov.br/Pagina/Exposicao-Metodo-Elementar-Folder

CAMPOS LEAL, abigail. (2020). me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans. **Cadernos De Subjetividade**, [S. l.], v. 1, n. 21, p. 65–70, 2020.

CAMPOS LEAL, abigail. **Ex/orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: GLAC edições, 2021.

CARVALHO, Renata. **Manifesto Transpofágico**. São Paulo: Casa 1 - Editora Monstra, 2021.bv8

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo editorial, 2019.

CUEVAS, Marcia Roxana Cruces; BATTISTELLI, Bruna Moraes; CÉSAR, Janaína Mariano. Fiando processos de formação: entre pontos, gestos e conversas. **Educação em Foco**, v. 25, n. 47, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 2022.

GOMES, Sy. Travestis são como plantas. In: **Laboratório de Artes Visuais (catálogo de exposição)**. Ceará: Porto Iracema das Artes. 7. ed. p. 66-89. Disponível em: portoiracemadasartes.org.br/7a-edicao-laboratorio-de-artes-visuais-2020

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos:: Histórias Íntimas De Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras E Queers Radicais**. São Paulo: Fósforo, 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

LORDE, Audre. **A unicórnica preta**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OLFENZA, Yná Kabe Rodríguez. **Táticas de Resistência: Relatórios da sobrevivência da onça**. 2019. 238 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade de Brasília, 2019.

STENGERS, Isabelle. Uma ciência triste é aquela em que não se dança. **Revista de Antropologia**, v. 59, n. 2, p. 155-186, 2016.

SHARPE, Christina. **Notas ordinárias**. São Paulo: Fósforo, 2024.

SILVA, Isadora Ravena Teixeira da. **Por travecametodologias de criação em arte contemporânea**. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

(Po)Ethics of a research in Education and Art: a notebook of experiments to care for writing.

Abstract: Research sisters, guerrilla sisters, from a world in turmoil. How can we establish a theoretical framework for research in an academic universe that continues to be supported by a cisheteronormative *CIStem*? In response to this question, we set out to provoke and shake up the ways in which we were taught to develop a research, and we present the sisters with whom we have chosen to sit at the table to make research that aims to support a kind of academic writing that heals the wounds of the colonial trauma that was imposed on us long before our existences. To this end, we use beauty and intentionality as premises for the theoretical construction of a research project, bringing to the scene the image of the sisters who accompany us, who allow us to exist beyond the otherness imposed on us. Thus, we stand with a transfeminist writing policy, supported by an ethical-aesthetical-political positioning with the intimacy and beauty that sustains another way of researching in education. In this way, we use a hybrid and essayistic methodology and, inspired by Saidiya Hartman (2022), we compose the academic work based on the beauty of black, transvestite, trans and lesbian lives that, in their rebellious and radical living, allow us to exercise the elaboration of theoretical-artistic objects, like a notebook that is at the same time research, beautiful, (po)ethic, artistic and a technology for sewing a production of knowledge implicated in diversity in its radicality and in the dialogue between education and art.

Keywords: Academic writing. Healing. Research (po)ethics. Education.

Recebido: 30/05/2025

Aceito: 19/06/2026